

Teresa Rita Lopes

TEATRO I

RIMANCE
DA MAL - MARIDADA
SOPINHAS DE MEL

De Viva Voz

Copyright - Teresa Rita Lopes
Concepção Gráfica - Joaquim de Carvalho
Impressão - Gráfica Povoense - Póvoa de Stª Iria
Depósito Legal nº77516
500 Exemplares
Abril de 1994

Teresa Rita Lopes

Pereira, António Caldeira
Ribeiro

RIMANCE DA MAL MARIDADA

TEATRO

debutado este dia

14/3/95

01616



com a estreia
apresentada

De Viva Voz

14/3/95

de
janeiro

Personagens

ELA

A IRMÃ MAIS NOVA

ELE

IRMÃ

Minha irmã trago recados
de todos da nossa casa

ELA

Deixa cheirar teu cabelo
Vieste pela madrugada

IRMÃ

Minha irmã trago lembranças
de todos da nossa terra

ELA

Trazes folhas no cabelo
orvalho desses caminhos

IRMÃ

Quis chegar de manhã cedo
pra estar o dia contigo

ELA

Irmã que querem teus olhos
que querem eles de mim?

IRMÃ

Trago mais estes queijinhos
do leite da nossa cabra

ELA

Ah! ela sim! tem saudades
das minhas mãos com certeza

IRMÃ

Trago aqui mais esta manta
da lã das nossas ovelhas

ELA

Deixa-me encostar-lhe a cara
Que bem se lembram de mim

IRMÃ

Trago mais este lençol
da estopa do nosso linho

ELA

Talvez seu áspero piso
acorde o meu corpo antigo

IRMÃ

Eu não queria que é grosseiro
que vai dizer teu marido

ELA

Neste lençol só meu corpo
se há-de despir e deitar

IRMÃ

De meu trago uma pergunta
que te quero perguntar

ELA

Por que é que brilham teus olhos
com tanto fogo lá dentro?

IRMÃ

Minha irmã é uma pergunta
custosa de perguntar

ELA

Os teus olhos já cresceram
não posso fazer-lhes tranças

IRMÃ

Minha irmã o que pergunto
não te vá fazer zangar

ELA

Que queres tu minha irmã
a olhar tão fundo pra mim?

IRMÃ

Minha irmã desde essa noite
nisto fiquei a cismar

ELA

As noites do nosso céu
fala-me delas irmã

IRMÃ

desde que vi esse homem
levar-te no seu cavalo

ELA

Irmã que é feito dos ninhos
que havia em nosso telhado

IRMÃ

arrumada às suas pernas
às suas pernas escarchadas

ELA

Que é feito da minha égua
da minha sela bordada

IRMÃ

e suas mãos cor de terra
agarradas aos teus peitos

ELA

Que é feito das rosas bravas
à solta pelos valados?

IRMÃ

E seu peito como o casco
de um barco sujo de breu

ELA

Irmã e esse homem de fora
que um dia apareceu por lá?

IRMÃ

Ah! minha irmã nessa noite
não consegui descansar
Sonhei que a quilha de um barco
avançava para mim

ELA

Ah o mar Ah que saudade
também lá deixei meu corpo

IRMÃ

passava por entre os peitos
como charrua na terra

ELA

A terra de mim solteira
Não me trouxeste um punhado

IRMÃ

e descia minha irmã. . .
Tenho medo de contar

ELA

Teus olhos subiram escadas
estão longe de onde os deixei

IRMÃ

Minha irmã quero acabar
deixa-me chegar ao fim!

. . . a sua quilha ancorou
lançou ferro de repente

entrou na boca do corpo
dentro de mim não saía
parecia um peixe arpoado
libertar-me não podia

Acordei a soluçar
mas sem saber minha irmã
se era dor ou alegria